

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E  
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO**

TATIANE DE ANDRADE ROSA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva  
CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. Armino José Longhi

FLORIANÓPOLIS – SC  
2009

TATIANE DE ANDRADE ROSA

**A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E  
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Teoria e análise linguística.

LINHA DE PESQUISA: A linguística como espaço para a filosofia da ciência.

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

FLORIANÓPOLIS – SC  
2009

TATIANE DE ANDRADE ROSA

**A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E  
SUA CONTRIBUIÇÃO A EDUCAÇÃO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção  
do título de Mestre em Linguística no  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, junho de 2009.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues  
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva  
Orientador

---

Prof. Dr. Armindo José Longhi  
Co-orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosely Perez Xavier  
Membro

Ao meu marido Daniel, pelo apoio incessante e incentivador.

Aos meus pais, pela vida dedicada à educação de suas filhas.

*Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão... que o AMOR existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena!*

Adriana Britto

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao Professor Doutor Fábio Luiz Lopes da Silva, pelo apoio.

Ao Professor Doutor Armino José Longhi, pelas observações pontuais e competentes que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Rosely Perez Xavier, pelas contribuições que enriqueceram este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Aos colegas de curso e de trabalho, pelas conversas motivadoras.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho pretende examinar o uso da linguagem, no contexto educacional, que promulgue o entendimento intersubjetivo entre os indivíduos. Tem como objetivo principal explorar as possíveis contribuições da Teoria do Agir Comunicativo na construção de uma prática educacional diferenciada, visando seu uso eficaz no desenvolvimento de sujeitos reflexivos em um processo de emancipação. Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem como fundamentação teórica a Teoria do Agir Comunicativo, de Jürgen Habermas. Apresenta o autor ao leitor. Introduce os conceitos fundamentais de sua obra. Analisa a importância da linguagem em sua teoria. Busca fazer uma análise da sociedade e da educação atual. Pretende aplicar o referencial teórico na análise da educação. Apresenta a racionalidade comunicativa em superação da racionalidade instrumental e estratégica. Vê a escola como uma instituição que está localizada entre o mundo da vida e o sistema. Privilegia as ações voltadas ao entendimento, para uma consequente reflexão crítica dos indivíduos. Apresenta a linguagem como um meio para se chegar a emancipação.

Palavras-chave: linguagem, emancipação, educação, agir comunicativo

## **ABSTRACT**

The present work intends to examine the use of language, in the context of the teaching institution, which offers the intersubjective understanding among the individuals. The main objective is to explore the possible contributions of the Theory of Communicative Action in building a differentiated educational practice, to its effective use in the training of subjects in a process of emancipation. This study is the result of a bibliographical research and the theoretical referential is based on Jürgen Habermas' work, mainly in the Theory of Communicative Action. It introduces the author to the reader. It presents the fundamental concepts of Habermas' work and it examines the importance of language in his theory. It exposes an analysis about the society and the education. It intends to apply the theoretical referential in the analysis of the education. It displays the communicative rationality in overcome the instrumental and strategic rationality. It looks for to locate the school institution between the concepts world of life and system. It priorities the actions aimed at understanding, for a subsequent critical reflection of individuals. It presents the language as a means to achieve emancipation.

**Keywords:** language, emancipation, education, communicative action

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>CAPÍTULO 1 – Bases Filosóficas da Teoria do Agir Comunicativo: Elucidação dos Principais Tópicos</b> .....	05
1.1. O filósofo Jürgen Habermas.....	05
1.2. Habermas: críticos e críticas .....	08
1.3. Teoria do Agir Comunicativo .....	10
1.3.1 <i>Razão, Racionalidade e Giro linguístico</i> .....	12
1.3.2 <i>Os Mundos de Habermas</i> .....	20
1.3.3 <i>Conhecimento, Entendimento e Consenso</i> .....	25
1.3.4 <i>Argumentação, Discurso e Emancipação</i> .....	28
1.3.5 <i>Atos-de-fala</i> .....	35
1.4. A importância dos atos-de-fala .....	37
1.5. A importância da linguagem na teoria habermasiana .....	40
1.6. Agir orientado para o êxito e agir orientado para o entendimento .....	44
<b>CAPÍTULO 2 – Educação e Sociedade</b> .....	49
2.1. Sociedade e Educação .....	50
2.2. Conceber a educação pela visão habermasiana .....	56
<b>CAPÍTULO 3 – Agir Pedagógico</b> .....	61
3.1. Práticas pedagógicas apoiadas na Teoria do Agir Comunicativo .....	62
3.2. A sala de aula como espaço para a reflexão .....	65
3.3. Educação com vistas à emancipação .....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75

# INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a refletir sobre o uso da linguagem, no contexto educacional, que promulgue o entendimento intersubjetivo entre os indivíduos, tendo como fundamentação teórica a Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas.

O interesse em pesquisar sobre este assunto foi algo que amadureceu aos poucos. As conversas com os colegas de curso, as aulas assistidas no programa de pós-graduação, o dia-a-dia como professora em sala de aula, foram alguns dos fatores determinantes para a realização deste trabalho.

O contato com Habermas deu-se pela leitura de seus textos, em espanhol e algumas traduções, porém foi o suficiente para que sua teoria despertasse meu interesse em aprofundar o assunto e assim desenvolver uma pesquisa que pudesse, de alguma forma, contribuir para novas reflexões no âmbito da educação.

O princípio deste trabalho teve origem na leitura da Teoria do Agir Comunicativo, desenvolvida pelo filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas. Sua teoria não trata do tema educação, mas traz subsídios filosóficos suficientes para refletir sobre ela e aplicá-la nesta área.

Um dos grandes desafios em nossos dias tem sido o de explorar as mais variadas possibilidades oferecidas pelos recursos da linguagem. O homem se comunica para suprir suas necessidades e assim garantir sua sobrevivência no mundo. A maneira mais comum, utilizadas pelas pessoas, para se comunicarem é a linguagem natural (seja ela falada ou escrita). Esta comunicação não se dá de forma isolada, ela precisa de outro sujeito, em interação com ele, para que o processo de comunicação aconteça de forma efetiva.

Isto posto, podemos afirmar que o processo de comunicação não corresponde somente ao enunciado exposto, mas que este seja recebido e interpretado pelo interlocutor. Assim, a interação e a troca de informações através de um diálogo argumentativo acontecem, gerando conhecimento, entendimento e mudança de comportamento.

Na escola, busca-se criar um ambiente propício para o crescimento e amadurecimento dos indivíduos, por meio de ações que contribuam para o ato de agir e pensar criticamente a realidade, através de ações dialógicas que estimulem nos indivíduos a capacidade reflexiva.

Porém, acreditamos que a escola passa por uma crise. Esta situação pode ser definida como uma crise de sentido, onde os indivíduos (alunos, professores, pais, direção, governo) envolvidos no processo educativo demonstram ter uma incompatibilidade de metas.

Apesar de a escola reproduzir os mandamentos de uma sociedade hierarquizada, partimos do pressuposto de que é preciso reconstruir a realidade a partir da percepção do mundo real em que os sujeitos estão inseridos.

Quando o agir comunicativo é utilizado ele deve levar em consideração as realidades do ambiente em que este se produz. Deste modo, a escola deve fazer-se integrar ao mundo da vida, onde o entendimento é possível e, conseqüente a reflexão crítica.

A obra de Habermas se mostra como um caminho promissor para a educação, uma vez que busca superar o caráter instrumental e estratégico empregado na escola, apresentando como alternativa a racionalidade comunicativa, que seria uma forma de construir uma sociedade livre da dominação.

O uso da linguagem, no processo comunicativo, é algo fascinante pela força que desempenha. No processo de desenvolvimento do indivíduo, a força desempenhada pela palavra, tem uma conotação ainda maior, pois o

sujeito está adquirindo o contato com novas formas da língua e essas, quando não bem empregadas, podem levá-lo à exclusão.

Neste trabalho estaremos trazendo um recorte da Teoria do Agir Comunicativo (TAC), de Jürgen Habermas, sem deixar de considerar importantes suas outras obras, porém o enfoque principal é na TAC, para que sejam evitadas desconexões de conceitos e pensamentos. Com base nesta teoria, buscaremos analisar as contribuições que ela poderá trazer para construirmos uma visão diferenciada de educação.

A educação será, portanto, analisada sob a ótica habermasiana. Aprofundamentos e reflexões sobre temas como sociedade, linguagem e educação farão parte deste empreendimento na busca de se atingir os objetivos propostos.

Desta forma, o tema a ser pesquisado adquire maior importância, na medida em que ele passa a colaborar para um repensar das práticas educacionais, levando ao desenvolvimento do sujeito pelos processos de interação através de ações comunicativas, que visem uma abertura do potencial emancipador da educação nos dias atuais.

A questão central deste trabalho reside na discussão de fatores relevantes ao uso de processos comunicativos no ambiente educacional. Procuraremos demonstrar como as ações comunicativas podem cooperar para práticas educacionais voltadas à formação de sujeitos reflexivos. Sendo assim a questão básica que norteia esta pesquisa é:

- Estando a educação limitada em seu verdadeiro potencial comunicativo de valoração social, cultural e individual, *como poderá a teoria do agir comunicativo contribuir para uma educação voltada à emancipação do sujeito?*

Mais especificamente, este trabalho visa

- *Apresentar e aprofundar* os aspectos fundamentais da Teoria do Agir Comunicativo;

- *Elucidar* a importância da linguagem e da educação e suas contribuições à construção de uma sociedade mais justa, reflexiva e crítica;
- *Analisar* as possíveis contribuições da Teoria do Agir Comunicativo para a prática pedagógica, na formação de sujeitos, com vistas à sua emancipação.

Este estudo se constitui de uma pesquisa interpretativa de base bibliográfica. Artigos, teses, dissertações, livros e sítios que tratam sobre o assunto da pesquisa foram consultados para o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre o tema.

O trabalho se desenvolve em três etapas que darão origem a três capítulos de ordem científica. Na primeira etapa estão apresentados alguns dos conceitos relevantes da teoria estudada, como forma de apresentar e aprofundar seus conceitos. A segunda etapa, referente ao segundo capítulo, apresenta uma visão da educação e da sociedade nos dias atuais. Por fim, da terceira etapa resultou o terceiro capítulo, que discute a relação entre a teoria estudada e a educação, a partir de uma análise dos contextos de interação que podem levar o aluno à emancipação.

Uma reflexão sobre a Teoria do Agir Comunicativo, uma visão sobre a importância da linguagem e uma abordagem acerca da educação serão de suma importância para se atingir os objetivos propostos.

As informações serão processadas com base em dados bibliográficos, onde proponho uma reflexão sobre a TAC, na visão de alguns autores e sua relação com a educação. Este aprofundamento da teoria de Habermas, interligado aos processos educacionais, que visam levar à busca de um conhecimento reflexivo, motivado e transformador do sujeito, darão origem ao trabalho investigativo proposto.

## CAPÍTULO 2

### EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

No capítulo anterior traçamos as principais bases filosóficas da Teoria do Agir Comunicativo, insumo indispensável para a elaboração desta pesquisa. Como pudemos observar, a teoria habermasiana não trata especificamente do tema educação, porém seus conceitos podem ser pensados e aplicados às instituições de ensino, uma vez que estas são as principais responsáveis pela construção e socialização dos indivíduos. Neste ponto, torna-se indispensável ao leitor ter compreendido os pontos abordados da TAC nesta dissertação, para que seja possível a compreensão quando transpusermos estes pontos para a área educacional.

No ambiente educacional os processos de interação entre os sujeitos, mediados pela linguagem, são de suma importância para que ocorra a socialização e, assim, o crescimento individual e coletivo. Neste contexto, é inconcebível pensar a educação, sem pensar nos processos mediados pela linguagem (nas suas mais variadas formas).

Sendo assim, neste capítulo daremos ênfase à educação como constituinte indispensável para a formação de uma sociedade voltada para a emancipação. Desta forma, pretendemos alcançar ao segundo objetivo proposto para esta pesquisa:

- Elucidar a importância da educação e suas contribuições à construção de uma sociedade mais justa, reflexiva e com vistas à emancipação.

## 2.1 Sociedade e Educação

Nas sociedades primitivas, todos os homens viviam em comum, dividindo a mesma classe social e os mesmos deveres dentro de seu grupo. Na antiguidade, a sociedade era regida por um sistema patriarcal e escravista. Os homens eram os responsáveis pelo sustento da família e os escravos faziam os serviços pesados e aqueles relacionados com as guerras e conflitos entre os povos. Na idade média, com o advento dos senhores feudais, e dos servos, a divisão em classes ficou mais clara e rígida.

A idade moderna traz consigo a marca do capitalismo, e assim, o trabalho virou moeda de troca. As famílias começaram a produzir artefatos para a venda em mercados, iniciando-se a participação de mais de um membro da família no sustento da casa. Encontramos, nos dias de hoje, as mais variadas divisões de classes sociais e padrões de vidas diversificados, indo do mais miserável a aqueles poucos que detêm uma fortuna imensa.

Mas por que pensar sobre o modo de viver da sociedade, suas formas de sustentação e repasse de conhecimento? Porque este conjunto também está relacionado com o surgimento da escola.

Nas sociedades primitivas, os ensinamentos eram repassados de pais para filhos. Na antiguidade, a educação era vista como algo para a dominação e/ou subordinação dos povos. Como foi uma época de guerras, descobertas e invasões, a educação foi utilizada para impor a cultura e a língua do povo dominador sobre o povo conquistado. Na idade média, a educação era para poucos, apenas os filhos dos nobres estudavam para alcançar a sabedoria. Já a idade moderna aborda a educação como algo de direito e de acesso a todos os cidadãos, e que gradativamente abrangerá toda a população.

O que temos hoje é uma educação comum a todos, a fim de garantir os conhecimentos básicos para o exercício da cidadania e para a progressão

no trabalho e nos estudos posteriores<sup>1</sup>, independente de classe social, religião, etnia ou sexo.

Nossa sociedade, dividida em classes antagônicas, cria uma educação também de classes, onde muitos são discriminados e excluídos quando não adaptados às normas. A educação, voltada para todos e dever do Estado, é herança do século XIX. Nesta época, a burguesia e o sistema democrático estavam em ascensão e, portanto, só poderiam alcançar um patamar mais elevado se tirassem a população da condição de ignorância.

Até hoje, se observarmos o sistema educacional, podemos notar que as crianças são divididas em classes. Dentro de uma mesma classe/série, as próprias crianças se dividem por classe econômica, etária, ou por afinidade. Formam-se blocos, como se a vida fosse dividida em: os limpinhos e bonitinhos de um lado, os repetentes de outro e os desfavorecidos de outro. Esta divisão é comum e cabe ao educador tentar acabar com estas dicotomias para que todos saibam que, além de serem iguais, vivem e convivem no mesmo ambiente que os outros, fazendo parte de uma mesma sociedade.

Acreditamos ser conveniente, neste momento, retroceder nossa reflexão e observar o que o mestre Platão já nos ensinava sobre a vida.

Platão nos apresenta em sua obra *A República*<sup>2</sup>, mais especificamente na passagem *A Alegoria da Caverna*, uma forma realista de ver e encarar a sociedade contemporânea e talvez o primeiro exemplo de uma educação voltada à emancipação. Esta metáfora da condição humana nos faz refletir (dentre as diversas interpretações possíveis) sobre o poder da educação e falta dela sobre as pessoas.

---

<sup>1</sup>Cf.: <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=182&Itemid=570>. Disponível em 03/01/2009.

<sup>2</sup>Cf.: PLATÃO. *A República*. Livro VII. São Paulo: Martin Claret, 2000. / CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

O homem, para ser emancipado, precisa se libertar das correntes que o prende. As mesmas correntes que não o deixam ver o mundo, ou melhor, que só apresentam o mundo através das sombras que passam por trás dele. A educação, neste sentido, aparece, não como salvadora, como único caminho para a emancipação, mas como uma fonte rica de obtenção de conhecimento. Este conhecimento, quando bem articulado (e articulado para o bem) pode levar o sujeito a encontrar o caminho que o tire da condição de submissão e aprisionamento. A educação não tem como único objetivo a emancipação, porém ela abre os caminhos para que os indivíduos saiam da condição de prisioneiros e se tornem sábios<sup>3</sup>.

Atualmente, mesmo com os mais diversos meios de informação existentes, vemos pessoas presas à alienação imposta pelo sistema dominante. Pessoas que só fazem o que está na moda, ou de acordo com o que passa na mídia. É preciso que a educação assuma sua postura na construção de sujeitos livres e reflexivos e que retire dos meios de comunicação este poder de educar os cidadãos.

Vivemos em uma era em que a educação deixou de ser um privilégio dos nobres e se tornou o pilar mais importante para a construção de uma sociedade mais justa e ética, fundamentada por valores morais que visam transformar a vida em comunidade mais promissora. O que observamos, porém, é que o sistema educacional está, a cada dia, mais fragilizado pelas reformas e degradações que vem sofrendo ano após ano. Estas transformações refletem diretamente na formação do indivíduo, que é quem realmente sofre com as mudanças impostas para a educação.

Mudanças sociais, econômicas e políticas afetam todos os seguimentos da sociedade. Família, escola, trabalho e governo, devem se adaptar às mudanças, que nem sempre são boas e produtivas para todos,

---

<sup>3</sup> Alusão à “A Alegoria da Caverna” mencionada acima.

mas que são geradas por uma imposição do sistema para melhorar o que não está sendo satisfatório.

A escola é uma instituição onde as mudanças devem ocorrer de forma rápida e eficaz, pois ela é o principal canal de difusão dos acontecimentos para os cidadãos. Pelo fato de lidar com pessoas em construção, ela deve propiciar ao educando condições de acompanhar as transformações do mundo moderno. Entretanto, o que temos são instituições que se encontram conectadas com métodos de ensino e aprendizagem do século passado. Onde o professor ainda mantém uma relação de poder perante a classe, sem estimular a busca de novos conhecimentos e, assim, não desenvolve a capacidade reflexiva do educando.

A educação sozinha não pode promover a emancipação dos sujeitos. Como processo socializador da cultura e da sociedade, é a educação que viabiliza a formação da personalidade. Porém, ela necessita que seus agentes estejam menos voltados para as formalidades do aprender e do ensinar, e que valorizem mais as

[...] relações e atitudes de convívio fraternas, dialogais, comunicativas, com vistas ao esclarecimento crítico. Uma educação que esteja preocupada com a sustentabilidade da vida, que se relacione com os processos reconstitutivos do social e do econômico por meios mais democráticos e participativos. (POLLI, 2008)

A escola acaba sendo a mocinha e a vilã no processo educacional. A mocinha, na ótica do sistema, pois acaba reproduzindo e copiando técnicas e métodos impostos para manter a alienação e submissão da sociedade. E vilã, do ponto de vista do mundo da vida, por não repensar a prática educacional e acabar reproduzindo, para aqueles que estão em plena fase de desenvolvimento cultural e intelectual, os padrões impostos pelo sistema que não geram reflexões de ações e falas.

O indivíduo não se constrói sozinho, enquanto sujeito. O caminho da intersubjetividade faz com que o indivíduo, na relação que estabelece com o outro, se construa, e construa o outro também.

A educação precisa transcender os limites impostos pela racionalidade instrumental e buscar uma nova racionalidade fundamentada em saberes não padronizados, para então poder colaborar com o processo de formação dos indivíduos.

O professor está diante das mudanças ocorridas na sociedade moderna (tecnologia, ciências, artes, medicina, entre tantas outras áreas que vem se desenvolvendo freneticamente ao passar dos anos) e sabe que ele é o principal agente de informação no ambiente escolar. No ensino fundamental e no ensino médio o professor é o agente formador. É ele quem tem o controle do que ensinar, quando e como ensinar. Porém, este mesmo professor não pode fazer do seu mundo (mundo do adulto) um mundo ideal para a criança e o jovem. Ele, acima de tudo, deve saber que o aluno tem que aprender para o agora, para o hoje, caso contrário, tudo o que faça não tem valor. Caso o aluno não encontre sentido naquilo que o professor ensina ele, com certeza, irá ignorar as palavras ditas pelo professor, por mais sábias que sejam.

É o professor quem pode estabelecer e mediar processos de interação entre sujeitos, uma vez que as relações na escola se dão de sujeito para sujeito e não de sujeitos para objetos estáticos e sem pensamento. É preciso que as ações e as decisões sejam sistemáticas e repensadas para evitar uma relação puramente cognitivo-instrumental com os educandos e, ao contrário, estabelecer a relação intersubjetiva, ponto fundamental para que se desenvolva a racionalidade comunicativa.

No mundo moderno, as informações e os conhecimentos são adquiridos das mais variadas formas (televisão, *internet*, *e-mail*, *chats*, entre outros) e, neste mundo, o professor deve agir como um elo que

unifica e integra as pessoas e que, interagindo com elas, constrói novas formas de ver o mundo e sua realidade. É no ambiente escolar que os alunos compartilham situações delineadas com o objetivo de desenvolver o pensamento e a capacidade de aprender.

Demo (1995, p.15) nos alerta que “a escola e a universidade são insubstituíveis como lugares privilegiados da construção do conhecimento, mas serão ultrapassados naturalmente pela instrumentalização eletrônica como instâncias de transmissão e socialização”.

A sociedade torna-se, a cada dia, mais fechada em si mesma. Isto quer dizer que os indivíduos membros da sociedade, a cada dia, estão mais individualistas e egoístas. A praticidade da vida moderna, em que se pode ter tudo em casa sem ter a necessidade de ter contato com outras pessoas, cria seres apáticos ao processo de interação na sociedade a qual fazem parte.

Para não criarmos uma sociedade fragmentada, sem esperanças e oprimida, é necessário que superemos a submissão e a barreira imposta pelos veículos de informação e de comunicação, que colocam o sujeito na condição de mero receptor/ouvinte das informações. Para se ter uma sociedade mais humana e igualitária, os processos de construção do saber e de mudança da realidade devem começar em casa, pela família, e serem ampliados na escola.

Para Habermas, os homens se utilizam da linguagem para estabelecer comunicação e assim chegar a um entendimento. Sendo assim, o conhecimento não pode ser fragmentado. Os sujeitos, ao se interagirem, usam seus conhecimentos de mundo para construir e defenderem seus conceitos. Nestes termos, não podemos ter uma educação que limite os educandos a meros ouvintes. As diversas realidades, os diversos contextos devem ser interagidos através do diálogo, que proporcionará formas de

transformar e modificar o comportamento e a realidade dos envolvidos no processo comunicativo.

A visão de ensino transmissivo não pode mais ser aceita numa sociedade globalizada como a nossa, e os professores devem estar prontos para promoverem processos de observação, descoberta, inferência e outras de caráter cognitivo e interpessoal para que seus alunos tenham a possibilidade de alcançarem o estágio de reflexão das coisas e do mundo e, assim, cheguem à emancipação.

Como já mencionado, Habermas nos faz refletir sobre uma sociedade dividida em duas esferas: uma dominada pelo poder e pelo dinheiro (mundo sistêmico) e outra mediada por processos lingüísticos (mundo da vida). Nesta sociedade a parte mais frágil é aquela em que a linguagem predomina, pois, neste mundo, abrem-se oportunidades para todos os indivíduos terem os mesmos direitos (mundo da vida). O poder e o dinheiro querem, a todo o momento, corromper o mundo da vida para fazer parte dele. A educação vive entre esses dois mundos. Cabe a nós compreendermos a importância do modo como as ações didáticas são pensadas e propostas, e a sua finalidade educativa para o processo de construção do cidadão, para que possamos ter em nossa sociedade pessoas reflexivas e comprometidas com a melhoria da vida em comunidade.

Nosso foco não é discutir a metodologia de ensino do professor, mas como o ambiente escolar pode se transformar em um espaço de crescimento individual e coletivo que levem professores e alunos a um patamar mais elevado na escala de conscientização de seu papel na sociedade.

Será então, nesta construção do ser, que indivíduos capazes de falarem e agirem racionalmente em ambientes sociais encontrarão sua emancipação.

Para que a educação seja transformadora deve ser, sobretudo crítica. Deve construir-se em uma crítica radical da sociedade em que vivemos, crítica essa que, ao desvelar a realidade humano-social em suas contradições, baseia-se na crença em valores morais como justiça, verdade e liberdade, que se devem estender à humanidade como um todo. (GONÇALVES, 1994, p.124)

É através de uma educação feita por ações comunicativas que o sujeito encontrará formas de enfrentar as situações impostas pelo sistema e ampliar sua visão em relação ao mundo da vida.

## **2.2 Conceber a educação pela visão habermasiana**

Para iniciar esta nova seção, começaremos com uma visão geral sobre o que vem a ser educação. No sentido amplo, educação é o processo de ensino-aprendizagem, através do qual todos os indivíduos adquirirem conhecimentos, habilidades, normas, atitudes e comportamentos necessários para a vida em sociedade.

O objetivo de uma educação, pautada pelos princípios da TAC, consiste em aumentar a autonomia racional e a capacidade reflexiva de cada indivíduo, através da construção coletiva de acordos consensuais válidos, pautados por uma argumentação livre de qualquer coação.

Sabemos que a escola é tida como um dos lugares privilegiados na construção do conhecimento. A educação (representada pela instituição escolar - escola) deve proporcionar formas de visualizar e interagir com o mundo. Deve ser crítica e reflexiva, oferecendo aos educandos meios de crescerem e se identificarem como cidadãos do mundo e não apenas trazer e proporcionar formas prontas de ensinar através da mera transmissão de conhecimentos estabelecidos por um livro didático, que reduzem professores e alunos a reprodutores dos conteúdos ali estabelecidos. Demo (2000, p.10) ainda destaca que “a vida acadêmica autêntica é um processo

permanente de construção científica, com vistas a formas mais competentes de intervenção na realidade, unindo teoria e prática”.

A vida em sociedade necessita de um complexo sistema educativo, que começa desde que nascemos. Na família temos as primeiras instruções. Recebemos dos familiares os primeiros conceitos de certo e errado; de aceitável e não aceitável; de como devemos nos vestir, alimentar e comportar perante os outros; aprendemos o respeito pelos mais velhos e a proteção aos mais jovens; a divisão de trabalho entre homens e mulheres; também recebemos os traços culturais da família, repassados por gerações ou criados na relação entre os membros (pai, mãe e filhos); além de herdamos um atributo fundamental, responsável por garantir a vida fora do âmbito familiar, que é a linguagem.

A construção de uma educação crítica, reflexiva e emancipadora não está somente nas mãos dos professores. Consideramos que eles são peças fundamentais neste processo, porém se não contarmos com a colaboração da família, da sociedade e do próprio educando não há como nos libertarmos de nossa condição de submissão.

A proposta que Habermas nos aponta é para termos uma prática educacional em que se preservem e se reconheçam as concepções e as compreensões de cada envolvido, tendo por base o contexto que cada um vive ou viveu.

Quando pensamos sobre a educação com o olhar da TAC, pensamos também nos processos de formação dos profissionais da educação. Estes profissionais ou futuros profissionais devem passar por um processo formativo de aprofundamento cultural, de objetivos, de visão de mundo e do outro.

Sabemos que a racionalidade técnica ou instrumental não é a solução para os problemas educativos, uma vez que qualquer situação de ensino que se apresente é única, incerta e variável. Existe também a

complexidade na definição de metas e de seleção dos meios (o que podemos chamar de: o quê e como fazer?). Não existem fórmulas prontas e teorias científicas unívocas, capazes de passar uma receita do que deve ser feito e de como deve ser feito. Cada dia é um novo dia, e só na interação com o outro que é possível construir um agir comunicativo fundamentado pela intersubjetividade e voltado para o entendimento.

A penetração da racionalidade instrumental no âmbito da ação humana interativa, ao produzir um esvaziamento da ação comunicativa e ao reduzi-la à sua própria estrutura de ação, gerou, no homem contemporâneo, formas de sentir, pensar e agir – fundadas no individualismo, no isolamento, na competição, no cálculo e no rendimento – que estão na base dos problemas sociais. (GONÇALVES, 1999, p. 131)

No ambiente escolar todas as ações devem ser pensadas e executadas de forma que desenvolvam no educando a capacidade de ter pensamento e atitude crítica perante aquilo que escuta e vivencia.

As novas tecnologias estão chegando e agradando cada vez mais aos jovens e a população num todo. Não as condenamos, mas a escola deve tornar-se atrativa, o diferencial neste mundo prático e dinâmico. A escola deve desenvolver a capacidade dos jovens para horizontes onde os computadores e aparelhos de última geração não podem chegar.

Segundo Habermas (1987a, p.70),

Não são, entretanto, novas tecnologias que demarcam o caminho do progresso de uma formação social nas etapas progressivas de reflexão; por seu intermédio se suprime o caráter dogmático de formas de dominação e de ideologias superadas, a pressão do quadro institucional é sublimada e o agir próprio à comunicação libera-se como (um) agir que promove a comunicação propriamente dita. Com isso antecipa-se o objetivo de tal dinâmica, a saber: a organização da sociedade exclusivamente sobre a base de uma discussão livre de qualquer forma de dominação repressiva.

É através de uma ação de ensino, baseada em um processo dialógico que valorize a interação e o entendimento entre os indivíduos, que alcançaremos uma educação a qual envolva professores e alunos em uma dinâmica de comunicação onde não haja espaço para as coerções e que seja desenvolvido, de forma clara e ampla, o pensamento crítico e reflexivo, para que nossas crianças e jovens alcancem a emancipação.

Na prática pedagógica, assim como em todo agir humano, existe, de forma implícita, uma racionalidade que o fundamenta e o legitima. Todo ato é racional, por mais irracional que pareça. Cada indivíduo ao realizar uma ação, de certa forma a planeja, acredita em sua validade e que o outro irá aceitá-la da forma como ele propuser. Em todo ato existe sempre uma intencionalidade. Na prática pedagógica esta intencionalidade deve ser voltada para o desenvolvimento de uma educação transformadora.

A educação entendida como processo social indica que as relações sociais e as rotinas criadas no ambiente escolar são práticas criadas em decorrência da forma de vida dos indivíduos que dela participam. Este é um desafio aos profissionais da educação: superar os limites, as contradições, e os absurdos que estão impregnados no processo educativo. Segundo Mühl (s/d, p.124), “o resgate do poder emancipativo da educação depende da instauração de uma ‘comunidade comunicativa’ ou de uma ‘comunidade educativa’”.

De acordo com a análise de Boufleuer (1998, p.69), “a educação, para obter um bom êxito no cumprimento de suas metas gerais de transmitir tradições culturais, de renovar solidariedades e de socializar as novas gerações, necessita ser concebida por seus agentes como uma educação comunicativa”. É com base neste pensamento que julgamos necessário aplicar a teoria de Habermas à educação básica, pois acreditamos que as transformações devem ocorrer na base do processo de ensino. As crianças, desde muito cedo, devem ser instigadas a pensar, a dar

opiniões, a emitir conceitos, a repassar os saberes culturais e locais, e, o que consideramos o principal, deve se sentir feliz e amada com aquilo que faz, sem deixar de ser criança.

Podemos observar que a educação passa por uma imensa crise. Esta crise é, em parte, gerada pelo sistema econômico e dominador, que não atende às necessidades que os sujeitos criam em virtude deste mesmo sistema. Ao analisarmos Habermas, ponderamos sobre a possibilidade de transformar a educação em um processo que leve os indivíduos à constante conscientização da realidade, caminhando desta forma para a construção de uma sociedade mais justa e livre da dominação.

A sociedade atual vive sobre condições de exploração e opressão, porém ela não está entregue a esta condição. A condição humana de se desenvolver e de interagir comunicativamente com outros indivíduos gera uma força que não só é necessária, mas fundamental para a reconstrução crítica das ações e dos pensamentos humanos e assim criarem uma resistência contra a colonização do mundo da vida. É com base na comunicação livre de coação e dominação que o indivíduo se mantém ativo no mundo da vida e desenvolve seu potencial emancipador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado da análise da Teoria do Agir Comunicativo, de Jürgen Habermas, e sua contribuição para a construção de uma prática educacional diferenciada. Nossa investigação filosófica buscou, num primeiro momento, retomar as bases que fundamentam a teoria habermasiana, para poder enfim, partir para uma análise em torno da educação.

Para buscar atingir os objetivos propostos, examinamos e aprofundamos os principais conceitos da TAC, esclarecemos o conceito de linguagem e a importância que esta desempenha na teoria habermasiana e na educação para a construção de uma sociedade mais justa, reflexiva e crítica e, por fim, fizemos uma análise das contribuições que a TAC pode trazer à construção de uma prática educacional diferenciada, que leve os sujeitos à emancipação.

A TAC vem sendo discutida amplamente no âmbito educacional justamente por apresentar uma proposta mais significativa de se pensar a educação, as relações interpessoais e o uso da linguagem com vistas a se chegar a um consenso e, conseqüentemente, atingir o uso democrático das ações e falas.

Em uma sociedade moderna, em que duas esferas (mundo da vida e sistema) vivem em conflito, é comum encontrarmos situações de tensão. Ora temos uma crise de identidade, gerada pela impregnação do sistema no mundo da vida, ora temos uma crise do sistema, quando o mundo da vida consegue fazer valer sua voz.

Acreditar que uma educação baseada na cópia possa construir uma sociedade criativa e crítica é um equívoco por parte daqueles que vivem o

dia a dia de nossa educação (e não falo só de professores, mas de toda uma sociedade).

Habermas acredita que as duas esferas devam existir, e que precisam existir nos dias de hoje. O homem criou o sistema e agora não consegue mais viver sem ele. Porém, Habermas acredita que tanto o mundo da vida quanto o sistema possam co-existir. Cada uma em seu espaço, cumprindo seu papel perante os indivíduos.

Em ambientes como o escolar, onde o agir comunicativo deveria predominar, o que vemos são ações estratégicas e instrumentalizadas sendo realizadas em prol da manipulação e dominação. Desta forma, gera-se a exclusão do outro que, neste ponto, não podemos mais chamar de sujeito da interação, mas sim da coação.

A escola desempenha uma função essencial na formação de sujeitos críticos e reflexivos. A convivência com o outro, principalmente no ambiente escolar, é marcada por uma série de sentimentos e valores que a todo instante criam e recriam novas sensações nos envolvidos no processo de socialização. Na convivência, na troca de experiências e na interação, sentimentos de simpatia e antipatia, confiança e desconfiança, aprovação e reprovação, entre outros, são, a todo instante, gerados, incorporados ou descartados.

Através do diálogo, da convivência em grupo, da interação, o ser humano se torna cidadão do mundo e reconstrói sua realidade através de ações racionais, voltados ao entendimento entre os indivíduos.

Os dissensos de ideias e opiniões acontecem na maior parte dos atos comunicativos, mas eles são necessários para que haja a interação, a compreensão e a reflexão e, assim, aconteça o crescimento cultural individual e coletivo. Não há ação comunicativa quando um só indivíduo fala e outro escuta, pois não há crítica, reflexão e transformação da realidade. Neste caso o que há é a mera transmissão de uma informação.

A sala de aula é um ambiente de comunicação único. Nela temos a figura do professor que pode ser vista como um mediador (alguém que leve os alunos a desenvolverem suas capacidades de reflexão, crítica e autocrítica), ou como um ditador (que estabelece regras, como a lei do silêncio, onde só o professor fala e o aluno escuta). E o aluno? Ele pode ser visto como alguém atuante ou mero ouvinte. Alguém que participa das discussões promovidas pelo professor para pensar sobre diferentes realidades encontradas no mundo e em nossa sociedade, ou ser apenas um indivíduo pacato, que recebe estas informações sem nada poder dizer ou comentar sobre elas.

O professor é aquele que está dia-a-dia na sala de aula, estabelecendo relações entre os sujeitos que estão vivenciando um processo de educação em relação com outros sujeitos e com o meio. Ele é o responsável por intermediar, mediar, motivar e estimular a aquisição de novos conhecimentos pelos educandos, para que estes se tornem sujeitos capazes de agir comunicativamente no mundo globalizado. Pelos limites e pela liberdade dada aos alunos, poderemos construir uma educação estratégica ou comunicativa.

É pela linguagem, em um processo comunicativo, que os sujeitos interagem de forma a se entenderem e, assim, caminharem para a obtenção do consenso de forma democrática e livre de qualquer coerção.

Portanto, o que estamos propondo com este trabalho não é algo pronto e acabado. A discussão, a crítica e a reflexão sobre o que a teoria habermasiana pode oferecer para a (re)construção da educação continuam abertas e serão sempre bem vindas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guido. Nota preliminar do tradutor. **In: Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

BANNELL, Ralph Ings. **Habermas & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e a prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOLZAN, José. **Habermas**: razão e racionalização. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

BOUFLEUER, Jose Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. 2. ed. Ijuí: Liv. Unijuí Ed., 1998.

BRASIL. (2000). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF.

COLÓQUIO HABERMAS, 2005. Florianópolis, SC; PINZANI, Alessandro; DUTRA, Delamar José Volpato. **Habermas em discussão**: anais do Colóquio Habermas realizado na UFSC. Florianópolis: NEFIPO, 2005.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: Metodologia científica no caminho de Habermas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt**. Campinas: Papirus, 1988.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994, c1992.

GOMES, Luiz Roberto. **Educação e consenso em Habermas**. Campinas – São Paulo: Ed. Alínea, 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação comunicativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação e Sociedade**. Campinas, ano XX, n.66, p.125-140, abr.1999.

\_\_\_\_\_. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas – São Paulo: Papirus, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse: com um novo posfácio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Teoria de la acción comunicativa, II: crítica de la razón funcionalista**. Madrid: Taurus, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. 2. ed. Madrid: Catedra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Teoria de la acción comunicativa, I: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1999.

IGNÁCIO SILVA, Sonia Aparecida. **Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

INGRAM, David. **Harbemas e a dialética da razão**. 2. ed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

LONGHI, Armindo José. **A ação educativa na perspectiva da teoria do agir comunicativo de Jurgen Habermas**: uma abordagem reflexiva. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

\_\_\_\_\_. Resgate da dimensão pública da educação. In: **Cavaqueira** – Revista do curso de filosofia da FAFIUV, nº1, 2008.

\_\_\_\_\_. Os caminhos da educação: a ação comunicativa ao agir comunicativo. In: SGRO, Margarita (org.). **Teoría crítica de la sociedad, educacion, democracia y ciudadanía**. 1.ed. Tandil: Univ. Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2008. (pp. 149-170)

\_\_\_\_\_. **Ação educativa e agir comunicativo**. Caçador: Nova Letra, 2008

McCARTHY, Thomas A. **La teoria critica de Jürgen Habermas**. Madrid: Tecnos, 1987.

MÚLH, Eldon Henrique. **A educação emancipadora na perspectiva da racionalidade comunicativa**. Disponível em:

[http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/El\\_metodo\\_Paulo\\_Freire\\_para\\_la\\_alfabetizacao\\_de\\_adultos.pdf](http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/El_metodo_Paulo_Freire_para_la_alfabetizacao_de_adultos.pdf). On line em: 31/07/2008.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e sua formação**. 2.ed. Lisboa – Portugal: Dom Quixote, 1995.

PÉREZ GÓMES, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e sua formação**. 2.ed. Lisboa – Portugal: Dom Quixote, 1995.

PINENT, Carlos Eduardo da Cunha. **Sobre os mundos de Habermas e sua ação comunicativa**. Revista da ADPPUCRS. Porto Alegre, nº5, p.49-56, dez. 2004.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 2 São Paulo: Cortes, 2006.

POLLI, José Renato. **A cultura da paz**. Jornal de Jundiaí. Disponível em: [http://www.portaljj.com.br/interna.asp?Int\\_IDSecao=6&Int\\_ID=54340](http://www.portaljj.com.br/interna.asp?Int_IDSecao=6&Int_ID=54340). On line em: 23/07/2008

SCHAFER, Karl-Hermann; SCHALLER, Klaus. **Ciência educadora crítica e didática comunicativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

SEARLE, John. Filosofia da Linguagem: uma entrevista com John Searle. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 8, março de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Consulta em: 12/08/2008

SIEBENEICHLER, Flavio Beno. **Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. **Discutindo a formação do professor on-line - de listas de habilidades docentes ao desenvolvimento da reflexão crítica**. [Online] Disponível em: <[www.comunicar.pro.br/artigos/reflex.htm](http://www.comunicar.pro.br/artigos/reflex.htm)> 2001. Consulta em: 02/04/2009

TESSER, Gelson João. **Ética e educação: uma reflexão filosófica a partir da teoria crítica de Jürgen Habermas**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2001.